



DESLOCAMENTOS HUMANOS NO SÉCULO XXI: O CASO DAS MULHERES VENEZUELANAS NO MÉXICO

HUMAN DISPLACEMENT IN THE 21ST CENTURY: THE CASE OF VENEZUELAN WOMEN IN MEXICO

*EL DESPLAZAMIENTO HUMANO EN EL SIGLO XXI: EL CASO DE LAS MUJERES VENEZOLANAS EN
MÉXICO*

Histórico do Artigo

Submetido em: 18/06/2024

Aceito em: 07/10/2025

Publicado em: 04/04/2026

Elisângela Gonçalves Lacerda

RESUMO

A mobilidade da população em escala mundial tem ficado em torno de 3%. Não houve, nas últimas décadas, um crescimento significativo desse quantitativo. Contudo, observa-se um aumento dos fluxos com origem e destino no Sul Global. Parte desse fluxo tem sido de pessoas refugiadas, fugindo das condições de vida precárias existentes em seus países. Desde 2015 a Venezuela vem apresentando um fluxo crescente de emigração. Inicialmente os imigrantes buscaram se inserir nos países mais próximos, tais como Colômbia e Peru. Com a prevalência da crise, eles têm buscado novos destinos e o México tem sido um deles. Nos trajetos migratórios as desigualdades sociais se fazem presente, incluindo a desigualdade de gênero. Os deslocamentos observados no início do século XXI tem apresentado perfis diversos, como o crescimento no número de mulheres que realizam imigração. Isso ocorre com as venezuelanas no México, que chegam a ser 58% do total de venezuelanos no país. Tendo em vista que as mulheres ao se deslocarem no espaço enfrentam problemas específicos, este estudo tem por objetivo investigar a vivência migratória e os problemas enfrentados por venezuelanas no México. A pesquisa foi baseada em entrevistas semiestruturadas e questionário, realizados de forma presencial e online, com 27 venezuelanas. Os resultados apontam que as venezuelanas inseridas no mercado de trabalho mexicano ganham menos do que os homens. Além disso, sofrem com episódios de discriminação, xenofobia e assédio.

PALAVRAS-CHAVE: migração internacional; trabalho; desigualdade de gênero; xenofobia.

ABSTRACT

The mobility of the population on a global scale has remained around 3%. There has been no significant growth in this number in recent decades. However, an increase in flows originating from and destined for the Global South has been observed. Part of this flow has been refugees, fleeing the precarious living conditions in their home countries. Since 2015, Venezuela has seen a growing emigration flow. Initially, immigrants sought to settle in nearby countries, such as Colombia and Peru. With the persistence of the crisis, they have started seeking new destinations, with Mexico being one of them. In migration routes, social inequalities are present, including gender inequality. Displacements observed in the early 21st century have shown diverse profiles, such as the growing number of women migrating. This is the case with Venezuelan women in Mexico, who account for 58% of the total Venezuelan population in the country. Given that women face specific challenges when moving across spaces, this study aims to investigate the migratory experience and the challenges faced by Venezuelan women in Mexico. The research was based on semi-structured interviews and questionnaires, conducted both in-person and online, with 27 Venezuelan women. The results indicate that Venezuelan women working in the Mexican labor market earn less than men. Additionally, they suffer from episodes of discrimination, xenophobia, and harassment.

KEYWORDS: international migration; work; gender inequality; xenophobia.

RESUMEN

La movilidad de la población a escala mundial ha rondado el 3%. No ha habido un crecimiento significativo en este número en las últimas décadas. Sin embargo, se observa un aumento de los flujos originados y destinados al Sur Global. Parte de este flujo ha sido de refugiados que huyen de las precarias condiciones de vida en sus países. Desde 2015,



Venezuela experimenta un creciente flujo migratorio. Inicialmente, los inmigrantes buscaron establecerse en países cercanos, como Colombia y Perú. Con la prevalencia de la crisis, han estado buscando nuevos destinos y México ha sido uno de ellos. Las desigualdades sociales están presentes a lo largo de las rutas migratorias, incluida la desigualdad de género. Los desplazamientos observados a principios del siglo XXI han presentado perfiles diversos, como el crecimiento del número de mujeres que inmigran. Este es el caso de las mujeres venezolanas en México, quienes representan el 58% del total de venezolanos en el país. Dado que las mujeres enfrentan problemas específicos al desplazarse en el espacio, este estudio busca indagar en la experiencia migratoria y las problemáticas que enfrentan las mujeres venezolanas en México. La investigación se basó en entrevistas semiestructuradas y cuestionarios, realizados de forma presencial y virtual, a 27 mujeres venezolanas. Los resultados muestran que las mujeres venezolanas en el mercado laboral mexicano ganan menos que los hombres. Además, sufren episodios de discriminación, xenofobia y acoso.

PALABRAS CLAVE: migración internacional; trabajo; desigualdad de género; xenofobia.

1 INTRODUÇÃO

Os fluxos migratórios têm apresentado novas dinâmicas ao longo das últimas décadas. Nesse cenário, a migração internacional vem sendo afetada por vários fatores, que devem ser compreendidos individualmente, por mais que guardem uma complexa relação entre si.

Observa-se que a maior parte dos fluxos migratórios provém de países em vias de desenvolvimento em direção aos países desenvolvidos (Hofmann *et al.*, 2020). Conforme Sayad (2010), a migração é fruto do subdesenvolvimento, um efeito da dominação dos países ricos (imigração) sobre os países pobres (emigração). Todavia, no século XXI nota-se o crescimento expressivo de fluxos com origem e destino nos países em desenvolvimento, no chamado Sul Global (Baeninger; Silva, 2018).

Tais migrações podem ser definidas como econômicas, justamente por serem motivadas pela busca de melhores condições financeiras (Koczan *et al.*, 2021). Nos últimos anos, a República Bolivariana da Venezuela sofreu profundas transformações em seu contexto migratório. Situações políticas e econômicas fizeram com que muitas pessoas deixassem o país. Não se deve perder de vista que toda emigração é ruptura, seja com um território, uma população, uma ordem social, econômica, política, cultural e/ou moral (Sayad, 2010).

Desde 2015 a saída de venezuelanos tem se intensificado (Acosta; Blouin; Freier, 2019). “Estima-se que em maio de 2020 haviam saído 5.1 milhões de pessoas da Venezuela, dentre estas, 4.2 milhões (82%) se encontravam na América Latina” (Valenzuela; Scuro; Trigo, 2020, p. 75). Neste período, os principais países de destino do êxodo venezuelano são Colômbia, Espanha, Panamá, Chile, Argentina e Estados Unidos da América (EUA) (Selee *et al.*, 2019; Pardo-Montaño; Gutiérrez, 2019). Na mesma direção, observa-se que, desde 2000, a população de imigrantes no México tem crescido cerca de 72%. Os principais países de origem desses imigrantes são EUA (67%), Venezuela (6%), Guatemala (4%), Honduras (3%) e El Salvador (1.4%) (UNDESA, 2020).



Segundo dados do Instituto Nacional de Migração (INM), houve um incremento de 114% na população venezuelana possuidora de um documento mexicano de imigração durante o período de 2015 a junho de 2018 (OIM, 2018). Apesar de não ser o destino escolhido pela maioria dos venezuelanos, o rápido crescimento desse fluxo tem suscitado preocupações (Pardo-Montaño; Gutiérrez, 2019).

Boa parte dos imigrantes venezuelanos que chega ao México possui uma carreira, como administradores, engenheiros, dentistas e outras. Entretanto, muitos não conseguem trabalhar em suas respectivas áreas, o que resulta em recolocação de mercado em trabalhos, muitas vezes, menos valorizados em comparação à formação original dos imigrantes. Neste fluxo, chama a atenção o processo de feminização, ou seja, o fato de que a maior parte dos imigrantes são mulheres. Os dados da Encuesta Intercensal de 2015 indicaram haver 78 homens para cada 100 mulheres imigrantes de origem venezuelana no México (Pardo-Montaño; Gutiérrez, 2019).

Em sua maioria, os imigrantes venezuelanos estão em idade ativa e se concentram principalmente na Cidade do México. Isto sugere que as redes de apoio aos imigrantes possibilitam a entrada daqueles que chegam no mercado de trabalho ou que possam dar continuidade aos seus estudos nesta cidade (Gutiérrez; Pardo-Montaño, 2021). A decisão e o ato de migrar são afetados por diversos fatores e, quando se trata de mulheres, surgem algumas variáveis econômicas, sociais e culturais que não estão presentes nas decisões dos homens na mesma situação de migração. Sassen (2000) chama a atenção para o fato de que famílias e comunidades inteiras estão cada vez mais dependentes das mulheres para sua sobrevivência.

A desigualdade de gêneros que marca a sociedade latino-americana também se faz presente no contexto migratório. Identificar e buscar mecanismos para a mitigação dessas desigualdades tem sido um esforço da comunidade científica que se ocupa do tema (Castellanos, 2005). Como já antecipado, as motivações, os padrões e as experiências migratórias são diferentes quando se analisa o ponto de vista feminino (Pérez Grande, 2008). Kolárová (2006) destaca que há uma omissão de gênero nas teorias tradicionais da globalização e aponta que o fato está relacionado com o predomínio masculino na autoria dos estudos.

Dessa forma, este artigo tem por objetivo analisar as vivências migratórias de mulheres venezuelanas residentes no México, identificar os problemas que enfrentam e conhecer a percepção que possuem sobre a sua experiência migratória.

Inicialmente é apresentada uma discussão acerca da mulher no contexto da imigração internacional. Em seguida, é abordada a temática das mulheres imigrantes e sua inserção no



mercado de trabalho para, em seguida, serem apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa e os resultados e discussões. Por fim, são desenvolvidas algumas considerações finais e dispostas as referências utilizadas na elaboração deste texto.

2 AS MULHERES NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

O deslocamento no espaço é inerente aos seres humanos e devido a isso, o homem foi capaz de colonizar praticamente todos os ambientes terrestres. Todavia, com a difusão do sistema capitalista, a implantação das fronteiras dos estados modernos e o processo de globalização, esses movimentos ganharam novas formas, que desafiam os cientistas sociais na elucidação dos padrões e desigualdades. Neste contexto, surgem pressões para que os países elaborem políticas públicas capazes de atender as crescentes demandas dos imigrantes internacionais.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), a migração internacional consiste no movimento de pessoas de fora do seu lugar de residência e através de uma fronteira internacional com destino a um país do qual não possuem cidadania ou vínculo nacional. Trata-se, portanto, de toda pessoa que muda de país de residência (OIM, 2023). As migrações internacionais sempre foram marcadas pelo predomínio de homens. O número de mulheres migrantes no cenário internacional tem crescido desde 2000, sua porcentagem em 2020 foi de 47,9%.

Raffestin (1993, p. 69) afirma que “a população é concebida como um recurso, um trunfo, portanto, mas também como um elemento atuante. A população é mesmo o fundamento e a fonte de todos os atores sociais, de todas as organizações”. Dessa forma, conhecer a dinâmica da população é fundamental para se exercer o controle e gestão dos fluxos naturais. Nesse contexto, as investigações acerca dos deslocamentos humanos têm se tornado cada vez mais relevantes, incluindo as questões de desigualdade de gênero.

As diferenças de poder construídas socialmente entre homens e mulheres são fruto da divisão sexual do trabalho, sendo as mulheres vinculadas a trabalhos não assalariados e os homens, ao assalariado. Na falta da remuneração por seu trabalho reprodutivo, resta às mulheres dependerem dos homens financeiramente. Contudo, a inserção das mulheres no mundo do trabalho assalariado, a partir da década de 1970, contribuiu para o aumento do poder socioeconômico delas (Federici, 2019).

Apesar da predominância dos homens nos fluxos migratórios internacionais, “cada vez mais se constata a presença de mulheres que se inserem em fluxos migratórios para poder trabalhar, dar sustento à família e aos filhos, garantir acesso à educação, fugir de relações violentas [...]” (Bertoldo,



2018, p. 314). Isso tem feito com que, em alguns contextos, as mulheres se sobressaiam como sendo a maior parte do conjunto de imigrantes. Este é o caso das imigrantes venezuelanas residentes no México.

Sassen (2000) afirma que o final do século XXI foi marcado pela presença crescente das mulheres em vários circuitos transfronteiriços, fazendo com que elas se tornassem uma fonte de subsistência, geração de lucro e acúmulo de moeda estrangeira em circuitos diversos. Esses circuitos são formados não só por mulheres migrantes em busca de trabalho, mas também traficantes e empreiteiros ilegais. A autora conceitua esses circuitos como contrageografias da globalização.

A prostituição, a migração laboral e o tráfico ilegal de mulheres e crianças para a indústria do sexo crescem como atividades lucrativas. As mulheres são o grupo majoritário na prostituição e no tráfico destinado à indústria do sexo e estão se tornando um grupo majoritário na migração para trabalho. O emprego ou uso de mulheres estrangeiras abrange uma gama cada vez mais ampla de setores econômicos. Esses circuitos podem ser considerados indicadores da feminização (embora parcial) da sobrevivência, porque é cada vez mais às custas das mulheres que essas formas de ganhar a vida, obter lucro e envio de receita para os seus países de origem são realizadas (Sassen, 2000).

Enquanto imigrantes, as mulheres enfrentam uma série de desafios. Massey (1994) destaca o quanto a mobilidade das mulheres são restringidas de várias maneiras. Desde a violência física até o olhar fixo ou a sensação de simplesmente "deslocar-se" - não pelo "capital", mas pelos homens. As razões são uma mistura complexa de colonialismo, racismo e mudanças nas relações de gênero.

Desde a década de 1990 o número de imigrantes venezuelanos no México cresceu de maneira significativa. Em 2020, dentre os cerca de 70 mil imigrantes venezuelanos residentes no México, aproximadamente 40 mil eram mulheres (UNDESA, 2020). A partir de 2015, com a ampliação da crise política e econômica na Venezuela, nota-se um crescimento expressivo no número de imigrantes venezuelanos no país.

Entre 2015 e 2020 o número de imigrantes venezuelanos no México mais que quadruplicou e o percentual de mulheres em 2020 chegou a ser de aproximadamente 58%. Em 2020, dos 16,2 milhões de emigrantes da América Central e do México, 48,7% eram mulheres. Nesse processo, as mulheres enfrentam vários desafios em todas as etapas do trajeto, incluindo a violência de gênero, a discriminação e a vulnerabilidade diante de situações de assédio sexual, sequestro e assassinato. Quase nunca denúncias são apresentadas contra os violadores, já que, em alguns casos, o traslado ocorre de maneira ilegal, gerando medo de deportação para seu país de origem ou de uma nova violação por parte das autoridades, além da falta de informação sobre os mecanismos de justiça no país de destino (Kerf *et al.*, 2023).

A região conhecida como *Tapón del Darién* tem sido um desafio na rota migratória com destino à América do Norte. Localizada entre a Colômbia e o Panamá, essa área abriga cerca de 160 km de floresta densa, sem estradas formais, apenas trilhas improvisadas, abertas por indivíduos que atuam de maneira irregular e cobram em dólar para acompanhar a travessia de grupos de imigrantes. Em 2022, estima-se que 248 mil imigrantes cruzaram essa região. Contudo, o número de imigrantes não para de crescer: até setembro de 2023, cerca de 330 mil pessoas passaram pelo *Tapón del Darién*. Nota-se que uma a cada cinco pessoas era uma criança, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2023).

Duas de cada dez mulheres e meninas migrantes que atravessaram o *Tapón del Darién* afirmam ter sofrido algum tipo de violência de gênero (sexual, física e psicológica) enquanto faziam o trajeto. Entretanto, este é um dado certamente subestimado. Outro agravante é o fato de que em alguns casos a agressão é perpetrada pelos próprios companheiros ou pais. Há relatos de companheiros que oferecem a própria mulher como moeda de troca para conseguirem dar continuidade à travessia. Além disso, estima-se que em torno de 5% das mulheres migrantes que cruzaram a região estavam grávidas ou lactantes (Kerf *et al.*, 2023).

Além da violência de gênero, cabe destacar que as mulheres e crianças ainda têm que lidar com animais selvagens e venenosos, subir montanhas e atravessar rios caudalosos. Na estação seca, a travessia demora entre quatro e sete dias. Na estação chuvosa, que dura nove meses, as dificuldades são ainda maiores e a travessia completa chega a demorar 10 dias (ONU, 2023).

Em função da crise econômica e política enfrentada pela Venezuela na última década, as mulheres venezuelanas têm se somado ao fluxo de imigrantes latino-americanos que buscam chegar até os EUA. Nessa rota, o *Tapón del Darién* e o México se encontram no caminho. A pandemia de Covid-19 tornou essa jornada ainda mais difícil. Depois do início da pandemia, mais de 50% das pessoas em situação de mobilidade humana ficaram sem emprego. As mulheres foram as principais prejudicadas. Em alguns contextos, a taxa de desemprego entre mulheres venezuelanas chega a ser o dobro da taxa entre os homens da mesma nacionalidade (OIM, 2021; ONU, 2023; Plan-International, 2023).

É inquestionável que, desde os anos 2000, observa-se um processo crescente de feminização dos fluxos migratórios, os quais extrapolam as fronteiras regionais. Ao observar dados de 2006 da Espanha, segundo maior destino de latino-americanos, depois dos EUA, nota-se que o número de mulheres latino-americanas e caribenhas chegava a 54,2% do total de imigrantes. Na Itália esse percentual foi ainda maior, atingindo os 67% (Marinucci, 2007).

As mulheres passaram a desenvolver um papel preponderante nos processos migratórios no século XXI. Atuando na construção de sua independência financeira, verifica-se que as mulheres imigrantes ainda contribuem com a manutenção de filhos e familiares que permanecem no país de origem. Além disso, elas atuam em vários setores do mercado de trabalho nos países de destino. Por conseguinte, as mulheres imigrantes são cada vez mais alvo de estudos migratórios.

O volume da imigração em termos globais tem se mantido praticamente estável, em torno de 3% da população. A América Latina e o Caribe têm recebido apenas 4% da população total de imigrantes, o que é um volume baixo frente às taxas de imigração na Ásia e na Europa. Desde a década de 1970, os Estados Unidos da América (EUA) seguem sendo o principal destino dos imigrantes internacionais. Em 2015, 52% do fluxo migratório internacional era constituído por homens e 48% por mulheres. Aproximadamente 72% dessa população estava em idade de trabalhar, entre 20 e 64 anos. Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontam que, em 2013, a principal área de inserção dos trabalhadores imigrantes era o setor de serviços (106,8 milhões de imigrantes ou 71,1%), seguido pelo setor de construção (26,7 milhões ou 17,8%) e o setor agrícola (16,7 milhões ou 11,1%) (Monleón, 2019).

Desde 2015, o fluxo migratório de venezuelanos tem ganhado destaque no continente americano. O desespero na busca por melhores condições de vida tem levado mulheres a se arrisarem em rotas migratórias pouco seguras, muitas com o objetivo de chegar até os EUA. Mas atualmente, o país que recebeu a maior parte desse fluxo foi a Colômbia, em função da proximidade e da língua compartilhada.

Agudelo-Suárez *et al.* (2020) apontam que há uma precariedade laboral entre os imigrantes venezuelanos residentes na Colômbia. Esta população caracteriza-se por ter acesso a empregos menos qualificados, sendo menos estável em termos de contratos, benefícios sociais e inscrição no sistema de segurança e, muitas vezes, trabalham na economia informal. Estas condições colocam esse grupo em situação de relativa vulnerabilidade social, o que pode ter efeitos sobre a saúde, principalmente devido ao aumento do estresse, ansiedade, depressão e maior vulnerabilidade aos riscos ocupacionais derivados de sua falta de experiência.

Moyano-Buitrago (2021), ao analisar os dados da *Gran Encuesta Integrada de Hogares* (GEIH), entre 2014 e 2019, observou que as trabalhadoras venezuelanas na Colômbia estão em grande desvantagem frente a outros trabalhadores. As horas trabalhadas por mulheres venezuelanas é cerca de 9% maior do que a carga horária das mulheres colombianas. O pagamento mensal recebido pelas mulheres venezuelanas foi aproximadamente 28% menor do que o

pagamento recebido por mulheres colombianas. O autor chega à conclusão de que as mulheres venezuelanas apresentam uma maior desvantagem e vulnerabilidade laboral frente às mulheres locais ou sem experiência migratória, inclusive frente a outros grupos migratórios.

A Colômbia, por agregar o maior volume de imigrantes venezuelanos, tem sido alvo de estudos sobre o mercado de trabalho. Esses imigrantes enfrentam dificuldades recorrentes, seja pela falta de documentação, seja pela concessão de permissões temporárias de trabalho, além dos obstáculos para a validação de seus diplomas universitários. Quando permanecem em situação de irregularidade, tornam-se especialmente vulneráveis à exploração laboral, à ameaça e à coerção (Díaz-Rincón; Almanza-Iglesias; Enamorado-Estrada, 2021).

Particularmente, a mulher imigrante tem tido que lidar com a violência praticada pelo seu próprio companheiro e pelo Estado. Ela está exposta a estereótipos de gênero e muitas vezes naturaliza práticas desrespeitosas e violentas em função do seu próprio contexto cultural ligado a abusos. Ela também está mais vulnerável a desenvolver transtornos mentais, em função das mudanças vividas e da dificuldade de se adaptar a novos espaços geográficos (García Arias; Restrepo Pineda, 2019; Santillanes-Allande, 2017).

A Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) apresentam, em seu quinto objetivo, “alcançar a igualdade entre os gêneros e empoderar todas as mulheres e meninas”. Apesar dos avanços já obtidos, as mulheres e meninas permanecem sofrendo discriminação e violência em todos os lugares do mundo. O documento ainda afirma que a igualdade entre os gêneros não é apenas um direito humano fundamental, mas a base necessária para se conseguir um mundo pacífico, próspero e sustentável (CEPAL, 2018).

Apesar de existirem estudos voltados para as dificuldades enfrentadas por mulheres venezuelanas imigrantes, tais como a violência, xenofobia e exploração no trabalho (Sequera, 2020; Oliveira; Lacerda, 2018; Oliveira; Lacerda, 2022), nota-se que há poucas investigações que trabalhem com dados qualitativos, que deem relevância aos relatos de vida desses indivíduos. Por certo que trabalhar com dados quantitativos é indispensável para se compreender a realidade das imigrantes venezuelanas, porém, faz-se necessário investigar a trajetória de vida dessas mulheres. Somente a partir da análise dos discursos dessas trabalhadoras é possível averiguar os problemas enfrentados e suas percepções acerca da sua vivência migratória. Essas informações são indispensáveis na elaboração de políticas públicas que possam atender as suas reais demandas.



3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo em questão consiste em uma pesquisa exploratória. De acordo com Theodorson e Theodorson (1970), trata-se de um estudo preliminar, cujo objetivo principal é familiarizar-se com um fenômeno que se pretende investigar. Isso é feito para que estudos mais aprofundados possam ser elaborados posteriormente com maior compreensão e precisão. O estudo exploratório permite ao investigador definir seu problema de pesquisa e formular sua hipótese com mais precisão. Também lhe permite escolher as técnicas mais adequadas para a sua investigação e decidir sobre as questões que mais necessitam de ênfase e investigação detalhada, podendo alertá-lo para potenciais dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência. A pesquisa exploratória, geralmente, é desenvolvida com uma amostra pequena.

A pesquisa foi desenvolvida com base no método indutivo, sendo este um método empirista. Portanto, seu enfoque maior é no conhecimento adquirido pelo pesquisador por meio da experiência. Neste método, os conhecimentos gerais são elaborados a partir de observações de casos da realidade concreta. Dessa forma, as generalizações teóricas são provenientes de constatações particulares (Gil, 1994).

Este estudo é de natureza qualitativa, uma vez que se preocupa mais com o processo em si do que com os resultados. Dessa forma, é dado maior destaque à interpretação do significado das ações sociais (Ramires; Pêsoa, 2013). Isso porque buscou-se reconhecer a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Optou-se pelo viés qualitativo para se compreender de maneira mais aprofundada a realidade das experiências vivenciadas pelas venezuelanas residentes no México.

No período de agosto a outubro de 2022 realizou-se atividades de capacitação na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Ao logo desse período foi desenvolvido o projeto “As mulheres venezuelanas residentes no México”. No âmbito do projeto foram realizadas doze entrevistas com imigrantes venezuelanas residentes no México. Utilizou-se a técnica bola de neve para encontrar as mulheres a serem entrevistadas, sendo essa uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza relações de referência. A técnica serve para se abordar determinados grupos difíceis de serem acessados (Vinuto, 2014).

A partir de uma aluna de doutorado da UNAM, venezuelana, partiu-se para a entrevista de imigrantes indicadas por ela. A cada mulher entrevistada surgiam novas indicações de possíveis participantes. Seguindo essa técnica, foram entrevistadas sete mulheres venezuelanas residentes no México. Cabe ressaltar que este tipo de técnica acaba por gerar um vício de perfil social, tendo em

vista que só serão entrevistadas mulheres que ocupam os mesmos nichos sociais de quem as indicou. Para encontrar mulheres com outros perfis, foi realizada uma visita ao Terminal de ônibus do Norte, onde foram realizadas entrevistas com duas mulheres venezuelanas que estavam vendendo doces. Também foi realizada uma visita na entrada da Comissão Mexicana de Ajuda a Refugiados (COMAR), onde realizou-se mais uma entrevista a uma mulher venezuelana. Em um restaurante nas proximidades do COMAR foram encontradas mais duas venezuelanas, ambas também entrevistadas.

Assim, foram feitas doze entrevistas com mulheres venezuelanas, tendo sido seis de forma presencial e seis realizadas por videoconferência. As entrevistas foram feitas com base em um roteiro pré-estabelecido, no qual constavam questões sobre o processo migratório, questões de trabalho e assédios vivenciados por mulheres venezuelanas no México, totalizando 22 perguntas. As entrevistas foram gravadas com o devido consentimento das entrevistadas, e, posteriormente, transcritas e analisadas. A análise foi processada a partir de técnicas de análise de conteúdo, com o objetivo de criar inferências sobre conteúdos verbais de interesse, para descrever, qualificar e interpretar o fenômeno migratório a partir dos significados, intenções, consequências e contextos apresentados pelas participantes da pesquisa (Sampaio; Lycarião, 2021).

Também se utilizou o Facebook® para encontrar venezuelanas dispostas a responder as mesmas questões por meio de questionário. Para tanto, pesquisou-se as comunidades de venezuelanos no México, foram escolhidas algumas mulheres para as quais foi enviado um texto explicando sobre a pesquisa e o questionário. Quinze venezuelanas responderam ao questionário, somando, ao final, respostas de 27 mulheres venezuelanas residentes no México naquele período.

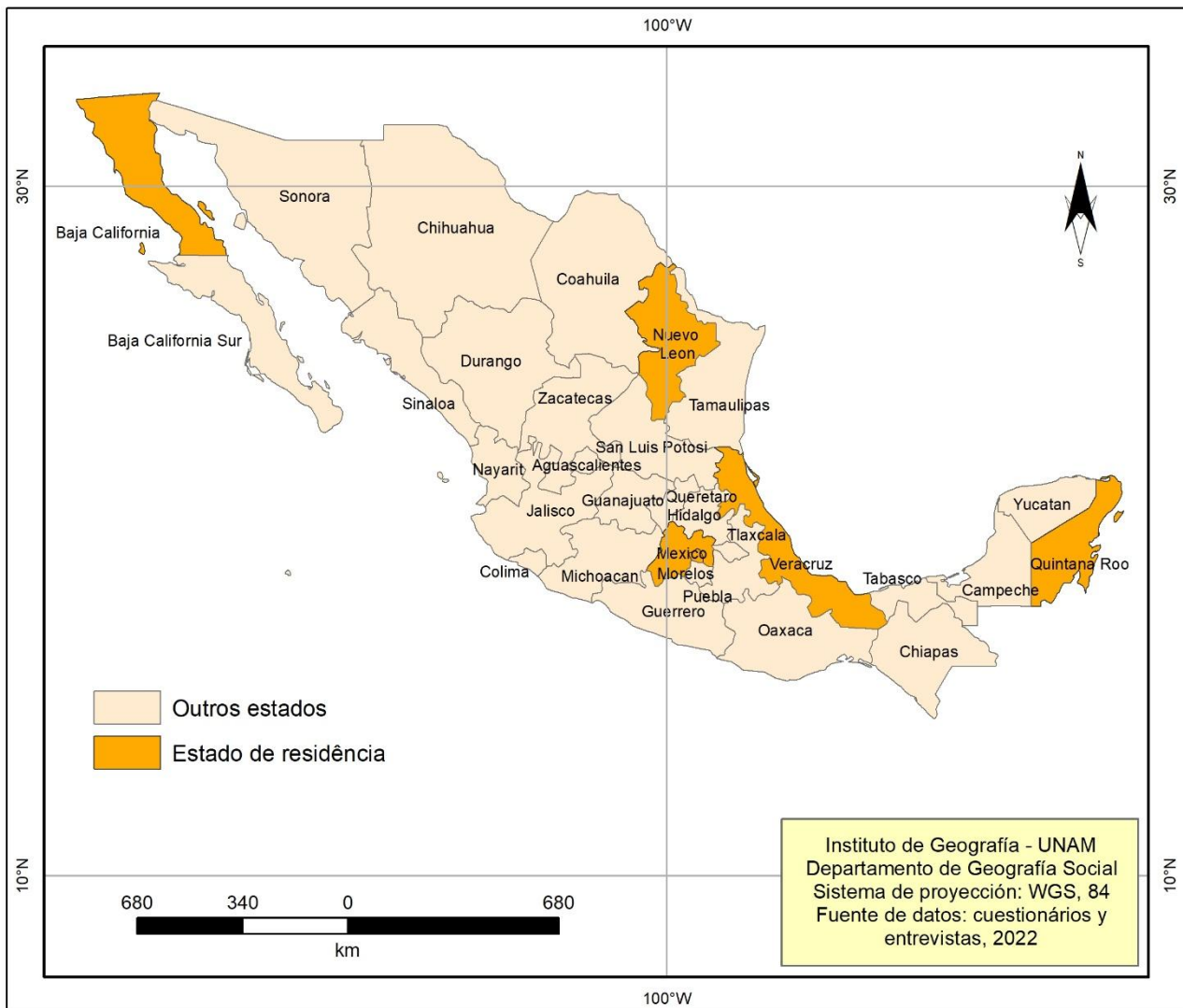
O questionário foi dividido em blocos temáticos e, ao todo, apresentava 30 perguntas, entre questões abertas e fechadas. O primeiro bloco tinha o objetivo de verificar o perfil pessoal da entrevistada (com perguntas sobre idade, escolaridade etc.). O segundo bloco trazia questões sobre o processo migratório (local de origem, estado de residência, tempo de residência etc.). Já no terceiro bloco abordou-se questões sobre possíveis assédios sofridos durante o processo migratório e, por fim, o último bloco continha questões sobre trabalho (setor de trabalho, tempo, setor de atuação etc.). O levantamento de dados ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2022.

Do ponto de vista das questões éticas relacionadas com a pesquisa, cabe destacar que, ao contrário do Brasil, que adota uma consistente legislação com relação ao uso de seres humanos em pesquisas científicas, o México não apresenta exigências legais para o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos. Sendo assim, a pesquisa não precisou passar por um Comitê de Ética em Pesquisa ou algo do tipo. Entretanto, tendo em vista a experiência em pesquisas dessa natureza,

utilizou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e promoveu-se o esclarecimento das dúvidas das entrevistadas, incluindo a conscientização sobre os possíveis desconfortos que as perguntas poderiam ocasionar. De fato, duas entrevistadas se emocionaram ao recordar episódios relacionados às suas experiências migratórias.

As mulheres que fizeram parte desta pesquisa residiam em sua maioria na Cidade do México, mas também foram entrevistadas mulheres residentes nos estados de Baja California, Nuevo León, Mexico, Veracruz e Quintana Roo (Figura 1). Ao verificar os dados do Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI) acerca do número de venezuelanos residentes por estado no México, nota-se que a maior concentração está no Distrito Federal, em Jalisco, Nuevo León, Queretaro, Puebla, Tabasco, Quintana Roo e Yucatán.

Figura 1 – Estado de residência das mulheres entrevistadas no México



Fonte: elaborado pela autora a partir dos questionários (2022).

Por meio das entrevistas foi possível conhecer melhor os problemas enfrentados pelas mulheres venezuelanas no México, um destino que tem apresentado fluxo crescente de imigrantes dessa nacionalidade. A seguir são discutidos os resultados encontrados. Os relatos das entrevistadas são apresentados entre aspas e em itálico, optou-se por mantê-los na língua original. As entrevistas foram numeradas de 1 a 12 e os questionários on-line são descritos em parênteses.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A crise migratória na Venezuela tem início por volta de 2015, sendo que nesse primeiro momento os países mais próximos foram os que mais receberam imigrantes venezuelanos. Ainda, com a manutenção da crise, novas rotas migratórias passaram a ser eleitas. Por certo que o sonho de chegar aos EUA está presente no imaginário de muitos imigrantes. Nesse percurso, o México acaba sendo um destino transitório no projeto migratório de muitos indivíduos.

A estadia no México para realização da pesquisa coincidiu com a adoção de algumas medidas que impactaram diretamente os fluxos migratórios. A primeira delas ocorreu em 21 de janeiro de 2022, quando as autoridades mexicanas passaram a exigir visto de turismo para cidadãos de determinadas nacionalidades, como Venezuela e Brasil. A decisão foi tomada sob pressão dos Estados Unidos, em razão do aumento significativo das apreensões de imigrantes em situação irregular na fronteira México–EUA. Ainda nesse contexto, em 2020, em função da pandemia de Covid-19, os Estados Unidos emitiram uma ordem de saúde pública conhecida como Título 42, que restringia a entrada de imigrantes no país. Com o fim da emergência sanitária, as medidas começaram a ser flexibilizadas. Ainda, diante do aumento no número de imigrantes latino-americanos e caribenhos tentando ingressar nos EUA, o Título 42 foi ampliado.

Essa medida por parte dos EUA gerou um impacto significativo para o México, uma vez que os imigrantes deportados passaram a ser devolvidos ao território mexicano, em ônibus fornecidos pelo próprio governo norte-americano. O anúncio da ampliação do Título 42 gerou desespero em meio à população de venezuelanos que se encontrava no México e que tinha como objetivo atravessar a fronteira. A decisão tomada pelos Estados Unidos levou muitos indivíduos a modificarem suas trajetórias migratórias. Enquanto alguns optaram por retornar à Venezuela, outros decidiram permanecer no México. Foi nesse contexto que a pesquisa foi desenvolvida.

Analisando o perfil das mulheres venezuelanas, verificou-se que elas tinham, predominantemente, entre 31 e 40 anos de idade (54%) (Tabela 1). Apesar de algumas participantes estarem em relacionamentos estáveis, sejam casadas ou em união estável, 47% delas estavam

solteiras no momento da pesquisa. São mulheres, em sua maioria, com mais de dez anos de estudo, sendo que algumas chegam a ter 15 anos de estudo ou mais. Considerando apenas as 12 mulheres entrevistadas, nota-se que elas se dividem entre mulheres que já tinham mais de três anos que residiam no México e mulheres com menos de um ano. Considerando as mulheres que responderam ao questionário, 30% delas residiam no México há mais de cinco anos.

Tabela 1 – Perfil das mulheres venezuelanas que participaram da pesquisa

Idade das participantes (%)				
Faixa etária	18 a 20	31 a 40	41 a 50	51 a 60
Percentual de participantes (%)	11	54	17,5	17,5
Estado Civil (%)				
Casada	Divorciada	Solteira	União Estável	
29	12	47	12	
Anos de estudo (%)				
5 a 10	10 a 14		15 ou mais	
24	29		47	
Tempo de residência no México (%)				
Menos de 1 ano	1 a 2 anos	3 a 5 anos	5 a 9 anos	10 anos ou mais
17,5	17,5	35	24	6

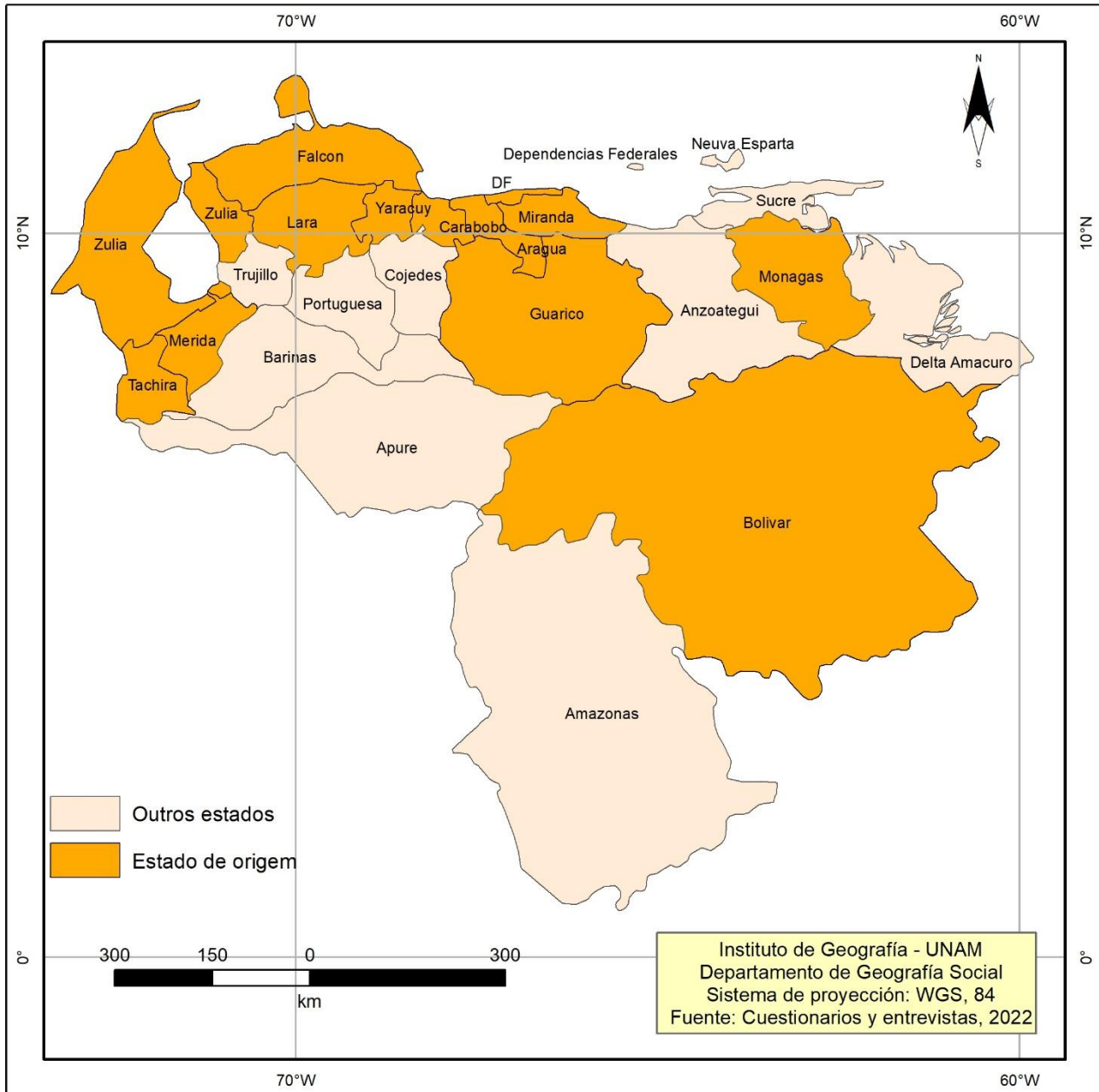
Fonte: elaborado pela autora a partir dos questionários (2022).

Esses dados demonstram a independência das mulheres entrevistadas, pois apesar de estarem em uma idade que historicamente as mulheres já estão casadas, elas permanecem solteiras. Isso certamente está associado ao perfil escolar, que demonstra que elas possuem alto grau de estudo. As entrevistadas provêm de vários estados venezuelanos, dentre eles Táchira, Mérida, Zúlia, Falcón, Lara, Yaracuy, Carabobo, Distrito Federal, Aragua, Miranda, Guárico, Monagas e Bolívar (Figura 2).

Ao serem questionadas sobre a decisão de saírem da Venezuela, as respostas convergiram para a falta de oportunidades no país, além da situação política e violações de direitos. Levando em consideração o alto grau de estudo de algumas entrevistadas, percebe-se que elas tinham clareza acerca dos problemas políticos e econômicos vivenciados pelo país. Nota-se que isso é mais evidente no grupo de mulheres que vivem no México há mais de três anos, cujo acesso às informações permitiu que pudessem planejar melhor a sua trajetória migratória, saindo do país de origem antes que a situação se fizesse mais crítica. Uma das respondentes do questionário afirmou:

"Decidí irme de Venezuela debido a la situación política y a la violación de mis derechos y garantías por parte del gobierno" (questionário on-line).

Figura 2 – Estado de origem das mulheres entrevistadas – Venezuela



Fonte: elaborado pela autora a partir dos questionários (2022).

Ao serem questionadas sobre a escolha do México como país de destino, as venezuelanas apontaram que o fato de já terem família ou amigos no país influenciaram na sua decisão. Outras responderam que conheceram o país em outra oportunidade. Quatro entrevistadas afirmaram estar de passagem, pois o objetivo final era chegar aos EUA.

As mulheres venezuelanas com maior tempo de permanência no México chegaram, em sua maioria, por via aérea. Seja partindo diretamente da Venezuela, quando ainda havia voos comerciais internacionais disponíveis, seja por meio de deslocamento terrestre até a Colômbia, de onde embarcaram em voos com destino ao México. Quatro das entrevistadas chegaram ao México por meio de estradas e percorrendo percursos a pé, portanto, atravessando a *Tapón del Darién*. Inclusive, uma delas estava grávida de quatro meses e outra atravessou com a filha de três anos.

Segundo as informações fornecidas por essas mulheres, os *coyotes* cobram cerca de 300 dólares para conduzir a travessia, que dura entre cinco e oito dias. Seguem alguns relatos feitos pelas mulheres venezuelanas que cruzaram o Darién:

"Se vía muchos muertos en el camino, incluso niños. Una haitiana dejó una niña pequeña con galletas y una botella de agua " (entrevista 2). *"Fue la experiencia más increíble. Uau. No tengo una palabra exacta como para definir. Fue muy duro, muy difícil. Fueron cuatro días de hambre, sin agua, sin comida, sin dinero. Porque por donde estaba el dinero no hacía falta, porque no tenía que comprar"* (entrevista 8).

"Un señor mayor, acima de los 60 años, se quedó en la mitad del camino, porque no conseguía avanzar. Los grupos suelen dejar atrás aquellos que no pueden proseguir" (entrevista 6). Além disso, houve relatos sobre os abusos sexuais sofridos pelas mulheres que se aventuram a atravessar a rota sozinhas, algo desaconselhável. As quatro entrevistadas afirmaram não saber nadar e disseram que em várias partes do trajeto tiveram que atravessar rios, muitas vezes com a água até o pescoço. Por meio das expressões das entrevistadas foi possível perceber que se trata de uma experiência marcante na vida delas.

Ao abordar as condições de trabalho que encontraram no México, as venezuelanas afirmaram que as ofertas de trabalho são reduzidas. Além disso, as condições são precárias e distinguem-se daquelas oferecidas às mulheres locais. Assim, elas trabalham mais e, em grande maioria, sem contrato de trabalho, o que implica a falta de seguro e de férias e, em muitos casos, sem pagamento de horas extras. Assédio no trabalho é algo frequente na fala dessas imigrantes. Em muitos anúncios de vagas especificamente voltadas para venezuelanas, exige-se boa aparência e um limite de idade. As ofertas são geralmente para postos de venda e de atendimento no setor de comércio e serviços.

A condição de mulher é encarada por alguns empregadores como uma vantagem a ser explorada, conforme se observa na fala dessa entrevistada: *"Mi supervisor me sugería que hiciera*

los ofrecimientos de producto yo, porque los hombres iban a acceder más fácil a comprar porque soy mujer y por mi acento" (entrevista 4).

Elas relataram que em vários contextos percebiam que haver diferença salarial em relação aos homens que, que ganhavam mais ao desempenhavam as mesmas funções das mulheres venezuelas. Além disso, elas observam que precisam se esforçar muito mais para estar no mesmo nível que um homem. Houve, ainda, uma venezuelana que relatou o fato de uma empresa tê-la inserido em um posto de liderança e, quando a empresa faliu, ela teve que se responsabilizar junto ao Serviço de Administração Tributária (SAT).

Essa desigualdade de gênero é algo presente nos países latino-americanos, com maior ou menor grau dependendo do país. A *Encuesta Nacional de Ingresos y Gastos de los Hogares* (INEGI, 2018) apontou que uma mulher no México ganha 60% do salário de um homem, independentemente de sua formação. Enquanto o ganho trimestral de uma mulher com pós-graduação era de aproximadamente 61 mil pesos, o de um homem na mesma situação era de 109 mil pesos.

Ao comparar as condições de trabalho vivenciadas no México com aquelas que viviam na Venezuela, muitas entrevistadas afirmaram que no México a desigualdade de gênero é maior. "*En Venezuela estuve en muchos puestos directivos y no sabía que yo ganaba menos que mis compañeros. Eso se pasa aquí"* (entrevista 12). "*Pero veo injusticia con las mujeres, sobretudo con las mujeres trabajadoras. Siento que tiene que hacer el doble de esfuerzo para estar a lo mismo nivel de un hombre"* (entrevista 4).

Ao abordar as questões de discriminação, racismo e xenofobia nota-se que estas fazem parte da vida das venezuelanas que se encontram no México. Há na fala das entrevistadas vários relatos de terem sofrido discriminação, chegando ao absurdo de serem expulsas de estabelecimentos comerciais. A associação das imigrantes venezuelanas com o mercado da prostituição é uma constante. Infelizmente, algumas chegam a validar a discriminação sofrida, pois entendem que estão invadindo o espaço dos mexicanos.

As entrevistadas relataram vários episódios nos quais foram expostas a chacota por parte de mexicanos, principalmente no que diz respeito ao desabastecimento de alimentos vivido na Venezuela. Para evitar sofrer discriminação, algumas venezuelanas afirmaram que evitam conversar na rua, para que assim não percebam o seu sotaque estrangeiro. "*Ya hizieron muchas burlas sobre la comida, si en Venezuela conocen la carne"* (entrevista 10).

Relatos de assédio sexual foram feitos por toda as mulheres venezuelanas que participaram da pesquisa, algumas relataram mais de um evento, inclusive. O metrô é um dos ambientes nos quais as mulheres ficam mais vulneráveis a esse tipo de assédio.

Estar sozinha na rua se mostrou problemático para as mulheres que participaram da pesquisa. Segundo elas, uma mulher precisa estar com um homem para ser respeitada. "*Sufri acoso en la calle, los hombres son muy asquerosos e irrespetuosos si te ven sola*" (questionário on-line). "*Acerca de los acosos, esto es muy fuerte, principalmente en el metro. Ya fue seguida en el metro. Dice a un guardia, pero no hice nada. Uno día, un taxista, cuando llegué a la casa, me dijo: y se vamos a otro lugar? En un otro lugar donde vivía, un muchacho que vivía en el departamento de abajo uno día se puso a gritar en la ventana: te quiero correr, colombiana de mierda. Te voy a correr, te voy agarrar. Hubo muchos casos en la calle, por eso siempre que estoy sola, tomo muchas precauciones*" (entrevista 2).

Outro problema relatado são os sequestros de mulheres. O México é mundialmente conhecido como um país com alto número de desaparecidos. Em 2021 o Estado de México tinha mais de quatro mil mulheres desaparecidas. Esse é mais um motivo que faz com que as mulheres venezuelanas tenham que adaptar os seus hábitos para evitar se expor a situações de risco.

"*Antes no tenía que preocuparme tanto por salir a la calle. Ahora me preocupa salir sola. En Venezuela hay cierto peligro, hay mucho peligro. Pero no creo que el feminicidio sea tan fuerte. En Venezuela te van a robar el celular, por dinero. Robando, te disparan y te matan. Aquí no, si eres hermosa, se llama la atención, te llevan. En el mes de mayo, que era mi vacación, no fui a ningún lado. Me fui de vacaciones el 8 de mayo y ya había 16 mujeres desaparecidas. Cuando regresé de vacaciones, hasta el día 16 ya había 26 mujeres desaparecidas en este estado*" (entrevista 3).

Algumas falas chamaram a atenção em função do impacto emocional que causam nas entrevistadas. Em uma delas, a entrevistada tentou descrever como se sentiu ao perceber o olhar de um mexicano em sua direção. Ela relatou que se sentiu como um objeto sendo alvo de não só de desejo, mas de posse. Em função disso ela modificou a forma como se vestia publicamente, para evitar os olhares masculinos nas ruas.

Outra fala impactante foi a de uma venezuelana que esteve casada com um mexicano e se separou. Segundo ela, foram constantes, ao longo do seu casamento, as insinuações racistas por parte da família do marido. Além disso, chegou a sofrer discriminação por parte de uma congregação religiosa da qual fazia parte. Esses eventos lhe trouxeram sérios problemas de

depressão. Como está sozinha no México, a entrevistada externalizou o seu medo de ter uma crise e acabar se tornando uma indigente, por não possuir rede de apoio no país.

Uma das contradições presentes ao se analisar a situação de imigrantes é a relação à ideia que fazem de seus próprios corpos. Tendo em vista que a utilidade do imigrante é medida pela sua capacidade de trabalho, esses corpos passam a serem vistos exclusivamente como instrumento de trabalho, apagando sua representação e apresentação de si ou como afeto e intelecto ou como lugar e expressão. Isso acontece pela condição de imigrado, que não tem sentido nem existência, aos seus próprios olhos e aos olhos dos demais, fora do trabalho. Assim, a enfermidade acaba sendo experimentada como a própria negação do imigrante, que já não consegue desempenhar as funções que lhe foram reservadas, disseminando o medo do adoecimento em mulheres migrantes (Sayad, 2010).

Uma das últimas entrevistadas estava alojada em frente ao COMAR. Ela havia acabado de chegar ao México e recebendo a notícia de que a fronteira com os EUA estava fechada. Após relatar todos os problemas que enfrentou, inclusive ao cruzar o *Darién*, ela se emocionou ao relatar que tudo que fez foi para dar melhores condições de vida para os seus dois filhos, que ficaram na Colômbia. Segundo ela, a sua fé na vida e que tudo sairia bem era o que a mantinha de pé.

A última venezuelana a ser entrevistada estava em um restaurante nas proximidades do COMAR. Junto com o companheiro e um cunhado, eles haviam acabado de ser deportados dos EUA, onde relataram que passaram frio e fome até a chegada do ônibus que os trouxe até o México. Grávida de quatro meses, ela relatou os muitos problemas que enfrentou ao atravessar o *Tapón del Darién*. Visivelmente abalada, aguardava o dinheiro que a família enviaria para conseguirem retornar à Venezuela. Questionada se pretendia fazer uma nova tentativa de migração, a resposta foi taxativa: “no!”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal conhecer a vivência migratória de mulheres venezuelanas residentes no México. Este interesse se baseou no fato de que, por meio dos dados oficiais, foi possível observar um processo de feminização do fluxo migratório de venezuelanos em direção ao México, ou seja, o quantitativo de mulheres é significativamente maior do que o de homens. Tal fato chama a atenção por seu caráter incomum, uma vez que, normalmente, os fluxos migratórios internacional são formados majoritariamente por homens.

No processo migratório, as questões sociais tendem a se manifestar tanto no local de origem quanto no de destino. Portanto, a desigualdade de gênero tem se destacado nesses movimentos populacionais. O desconhecimento dos mecanismos existentes por trás da decisão de mulheres venezuelanas em migrarem para o México nos conduziu ao levantamento de dados qualitativos por meio de entrevistas e questionários.

As informações levantadas possibilitaram construir um cenário geral acerca das vivências construídas por essas mulheres. Cabe destacar que são mulheres em idade ativa, com alto grau de instrução formal e que se encontram inseridas no mercado de trabalho mexicano, em sua maioria. Apesar disso, ficou evidente a existência de trajetórias migratórias arriscadas, com mulheres tendo que atravessar o *Tapón del Darién*, inclusive grávidas e com crianças pequenas.

Quanto a atuação das mulheres venezuelanas no mercado de trabalho, houve vários relatos de que elas ganham menos do que os homens e do que as mexicanas, mesmo trabalhando mais. Além disso, os direitos trabalhistas, tais como férias e horas extras não são respeitados. Na maioria dos casos a relação trabalhista não é mediada por um contrato de trabalho, o que deixa as mulheres ainda mais vulnerabilizadas.

Casos de assédio sexual foram relatados por todas as 27 mulheres que fizeram parte da pesquisa. Segundo elas, a rua e o trabalho foram os locais onde mais ocorreu esse tipo de investida. Apesar de passarem por situações parecidas na Venezuela, as mulheres avaliam que no México isso ocorre com mais frequência e com mais gravidade. Soma-se a isso o medo de serem sequestradas, uma vez que o desaparecimento de pessoas é comum no país.

Algumas mulheres relataram terem sofrido discriminação e xenofobia por serem mulheres e venezuelanas. Em alguns casos, elas foram confundidas com mulheres do mercado da prostituição. Numa tentativa de evitar esses episódios, algumas afirmaram que evitam conversar na rua, para não terem a sua nacionalidade identificada, e mudaram os seus padrões de vestimenta e hábitos em público.

Apesar dos avanços com relação aos direitos das mulheres e a redução da desigualdade de gênero, estamos distantes de atingir um patamar desejável. A presença de mulheres nos fluxos migratórios é um dos temas ainda carentes de estudos aprofundados para subsidiar melhorias nas condições de vida desse grupo. Trata-se de mulheres que, apesar dos muitos problemas, escolhem partir em busca de melhores condições de vida para si e sua família. Portanto, merecem ter os seus direitos resguardados. A partir dos resultados obtidos neste estudo espera-se que futuramente seja possível desenvolver pesquisas mais detalhadas para investigar as problemáticas aqui identificadas.



REFERÊNCIAS

ACOSTA, D.; BLOUIN, C.; FREIER, L. F. **La emigración venezolana: respuestas latinoamericanas.** Documento de Trabajo nº 3 (2ª época). Madrid: Fundación Carolina, 2019. DOI: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.33921.71523>

AGUDELO-SUÁREZ, A. A. *et al.* Precarious employment and health: a qualitative study in Venezuelan immigrant population in Colombia. **Journal of Migration and Health**, [s. l.], v. 1–2, e 100009, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jmh.2020.100009>

BAENINGER, R.; SILVA, J. C. K. (Coord.). **Migrações Venezuelanas.** Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”/NEPO – Unicamp, 2018.

BERTOLDO, J. Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 313-323, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p313>

CASTELLANOS, P. C. **Mujeres migrantes de América Latina y el Caribe: derechos humanos, mitos y duras realidades.** Santiago, Chile: CEPAL - Naciones Unidas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/a94c99aa-c408-43ea-a831-970b798312e1/content>. Acesso em: 24 jun. 2025.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE - CEPAL. **La Agenda 2030 y los Objetivos de Desarrollo Sostenible: una oportunidad para América Latina y el Caribe.** Santiago, Chile: CEPAL - Naciones Unidas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/cb30a4de-7d87-4e79-8e7a-ad5279038718/content>. Acesso em: 24 jun. 2025.

DÍAZ-RINCÓN, S. V.; ALMANZA-IGLESIAS, M.; ENAMORADO-ESTRADA, J. La inmigración de mujeres venezolanas a la invasión Caraquitas-barrio El Bosque, en la ciudad de Barranquilla (Colombia). **Revista Criminalidad**, [s. l.], v. 63, n. 3, p. 265-281, 2021. Disponível em: https://www.policia.gov.co/sites/default/files/revista_criminalidad_63_no_3.pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Editora Elefante. 2019.

GARCÍA ARIAS, M. F.; RESTREPO PINEDA, J. E. Aproximación al proceso migratorio venezolano en el siglo XXI. **Hallazgos**, [s. l.], v. 16, n. 32, p. 63-82, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15332/2422409X.5000>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUTIÉRREZ, K. P.; PARDO-MONTAÑO, A. M. Procesos de inclusión/exclusión social en México: el caso de la inmigración venezolana en la Ciudad de México. *In*: PARDO-MONTAÑO, A. M. (Coord.). **Nuevas realidades de la migración en México: cambios y continuidades.** Ciudad de México: UNAM, Instituto de Geografía, 2021. p. 41-63. DOI: <http://dx.doi.org/10.14350/gsexxi.li.30>



HOFMANN, M. *et al.* **International migration: drivers, factors and megatrends.** Vienna, Austria: International Centre for Migration Policy Development - ICMPD, 2020. p. 1-13. Disponível em: <https://www.icmpd.org/file/download/51472/file/Policy%20Paper%20-%20Geopolitical%20Outlook%20on%20International%20Migration.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

KERF, M. *et al.* Mujeres y niñas migrantes en Centroamérica se arriesgan en busca de un futuro mejor. **Banco Mundial Blogs**, [s. l.], jun. 2023. Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/es/latinamerica/mujeres-ninas-migrantes-buscan-futuro-meior-centroamerica>. Acesso em: 21 set. 2023.

KOCZAN, Z. *et al.* The impact of international migration on inclusive growth: a review. **International Monetary Fund Working Papers**, [s. l.], n. 88, p. 1- 33, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5089/9781513571966.001>

KOLÁROVÁ, M. Gender and globalisation: labour changes in the global economy. **Czech Sociological Review**, [s. l.], v. 42, n. 6, p. 1241-1257, 2006. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-60182>. Acesso em: 7 set. 2025.

MARINUCCI, R. Feminization of migration? **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. [s. l.], v. 15, n. 29, p. 5-22, 2007. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/55>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MASSEY, D. B. **Space, place, and gender.** Saint Paul: University of Minnesota, 1994.

MONLEÓN, L. F. **Las mujeres migrantes en las legislaciones de América Latina:** análisis del repositorio de normativas sobre migración internacional del Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe. Santiago: CEPAL - Naciones Unidas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/bfbc3db0-a2b3-41d9-96ff-906939b79fac/content>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MOYANO-BUITRAGO, M. L. Inserción laboral de inmigrantes venezolanas, 2014-2019: ¿acumulación de desventajas? **Sociedad y Economía**, [s. l.], n. 44, e 10410743, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25100/sye.v0i44.10743>

OLIVEIRA, C. S.; LACERDA, E. G. O processo de inserção de estudantes venezuelanos nas escolas em Roraima. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [s. l.], v. 26, e31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499466410>

OLIVEIRA, I. A. D.; LACERDA, E. G. Imigração venezuelana e xenofobia em Roraima, Brasil. In: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. K. (Coord.). **Migrações Venezuelanas.** Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”/NEPO – Unicamp, 2018. p. 231-235.

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS - ONU. **Tapón del Darién:** una ruta arriesgada en busca de una vida más segura. [s. l.], sep. 2023. Disponível em: <https://www.ohchr.org/es/stories/2023/09/darién-gap-risky-path-search-safer-life>. Acesso em: 21 set. 2023.



ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES - OIM. **Términos fundamentales sobre migración.** [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.iom.int/es/terminos-fundamentales-sobre-migracion>. Acesso em: 21 set. 2023.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES - OIM. **Informe sobre las migraciones en el mundo 2022.** Ginebra: OIM - ONU, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18356/9789213584798>

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES - OIM. **Matriz de Monitoreo del desplazamiento:** entendiendo el fluzo migratório venezolano en México. Ciudad de México: OIM - ONU, 2018.

PARDO-MONTAÑO, A. M.; GUTIÉRREZ, K. P. El éxodo venezolano actual: presencia de la población venezolana residente en México. *In:* PARDO-MONTAÑO, A. M.; CERVANTES, C. A. D. (Coord.). **Más allá de la emigración.** Ciudad de México: UNAM, Instituto de Geografía, 2019. p. 171-192. DOI: <http://dx.doi.org/10.14350/gsxxi.li.24>

PÉREZ GRANDE, M. D. Mujeres inmigrantes: realidades, estereotipos y perspectivas educativas. **Revista Española de Educación Comparada**, [s. l.], n. 14, p. 137-175, 2008. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/REEC/article/view/7484>. Acesso em: 25 jun. 2025.

PLAN-INTERNATIONAL. Mujeres migrantes contribuyen al desarrollo de los países pese a la discriminación, [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://plan-international.org/america-latina/noticias/2022/12/16/mujeres-migrantes-contribuyen-al-desarrollo-de-los-paises/>. Acesso em: 22 set. 2023.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMIRES, J. C. L.; PESSÔA, V. L. S. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. *In:* MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia:** reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, p. 22-35. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0003>

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial:** manual de aplicação. Brasília: ENAP, 2021.

SANTILLANES-ALLANDE, N. I. Padecer la depresión como mujer inmigrante mexicana en la ciudad de Nueva York. **Revista de Salud Pública**, [s. l.], v. 19, n. 6, p. 855-860, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15446/rsap.v19n6.70366>

SASSEN, S. Women's burden: counter-geographies of globalization and the feminization of survival. **Journal of International Affairs**, [s. l.], v. 53, n. 2, p. 503-524, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24357763>. Acesso em: 5 set. 2025.

SAYAD, A. **La doble ausencia:** de las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado. Barcelona: Anthropos Editorial, 2010.



SELEE, A. *et al.* **Creativity amid crisis: legal pathways for venezuelan migrants and refugees in Latin America.** Washington, DC: Migration Policy Institute and Organization of American States, 2019. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/research/legal-pathways-venezuelan-migrants-latin-america>. Acesso em: 12 set. 2022.

SEQUERA, M. M. F. Mujeres migrantes venezolanas: entre políticas vetustas y cadenas de cuidados. **Revista de Ciencias Humanas, Teoría Social y Pensamiento Crítico**, [s. l.], n. 12, p. 75-90, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3951224>

THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology.** London: Methuen, 1970.

UNITED NATIONS. DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS - UNDESA. **International Migrant Stock 2020.** New York: United Nations, 2020. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/pd/content/publications>. Acesso em: 15 set. 2022.

VALENZUELA, M. E.; SCURO, M. L.; TRIGO, I. V. **Desigualdad, crisis de los cuidados y migración del trabajo doméstico remunerado en América Latina.** Santiago: CEPAL - Naciones Unidas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/3807d08e-c4b5-41de-9fe5-ad115f2f1447/content>. Acesso em: 24 jun. 2025.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

AUTORES E CONTRIBUIÇÕES

Elisângela Gonçalves Lacerda: Doutora em Geografia. Afiliação: Universidade Federal de Viçosa (UFV). Contato: elisangela.lacerda@ufv.br.

EDITORES RESPONSÁVEIS

Geovany Pachelly Galdino Dantas. Editor-Chefe. Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Contato: geovany.dantas@ifrn.edu.br.

Andrey Luna Saboia. Editor de Seção. Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Contato: andrey.saboia@ifrn.edu.br.